

Uma tsunami no coração

ROBERTO BASSAN

A Associação Americana do Coração acaba de informar à comunidade médica que cerca de 30% da população adulta americana apresentam algum tipo de doença cardiovascular. Além disso, relembra que a cada minuto morrem duas pessoas por esta doença naquele país, número superior às mortes causadas pelas quatro doenças seguintes combinadas. Estes dados, hoje mostrados de uma forma clara e contundente, transformam a doença cardiovascular na maior e mais grave epidemia vista nos últimos séculos pelo homem. E que, por não respeitar limites demográficos, étnicos, sociais ou econômicos, é uma verdadeira pandemia que acomete toda a raça humana continuamente por mais de 50 anos.

As doenças cardiovasculares são na verdade um conjunto de moléstias que acometem o coração e os vasos sanguíneos. A mais importante delas é a doença coronária, não só pela sua relativamente elevada ocorrência mas principalmente pela sua significativa taxa de mortalidade e de outros eventos sérios (infarto, insuficiência cardíaca), o que no final das contas acaba impingindo elevados custos econômicos aos prestadores de serviços médicos públicos e privados.

Mas nem tudo são más notícias no que tange ao aparelho cardiovascular. Desde o começo dos anos 70 que se observa nos Estados Unidos uma constante queda na taxa de mortalidade por doença coronária, que hoje já é 50% menor do que nos anos 60. Este fato resultou dos importantes conhecimentos sobre o papel crucial dos fatores de risco no desenvolvi-

mento da doença coronária: pressão alta, colesterol elevado, fumo, vida sedentária e outros. A partir daí, médicos e pacientes passaram a cuidar mais destes fatores de risco com novos remédios, alimentação apropriada, atividade física, redução do tabagismo e novas formas de tratamento (cirurgia, angioplastia). Com isso evitaram ou retardaram a ocorrência dos infartos, da morte súbita e da insuficiência cardíaca. Se esta é uma boa (fantástica!) notícia, a má é que, apesar disso, o número absoluto de mortes anuais continua a crescer. O porquê é simples: hoje há mais gente no mundo com doença coronária que nos anos 50 e 60, na medida em que a doença continuou a se alastrar (porém numa velocidade menor) e também porque as pessoas acometidas passaram a viver mais (a expectativa de vida hoje é 15-20 anos maior). Por isso, a doença cardiovas-

cular continua presente entre nós, onde quer que vivamos, permanecendo como "a assassina número 1" da população adulta em quase todos os países do mundo.

Entretanto, surge no horizonte uma nova e poderosa onda de maré alta: a obesidade, e atrás dela o diabetes, hoje também identificados como grandes fatores de risco para a doença coronária. Ambos se tornaram nos Estados Unidos, e também no Brasil, um enorme problema de saúde pública, em crescimento contínuo, e que está completamente sem controle, sendo por isso chamados de "o inimigo número 1 da saúde". Exatamente pelo seu alto poder destrutivo.

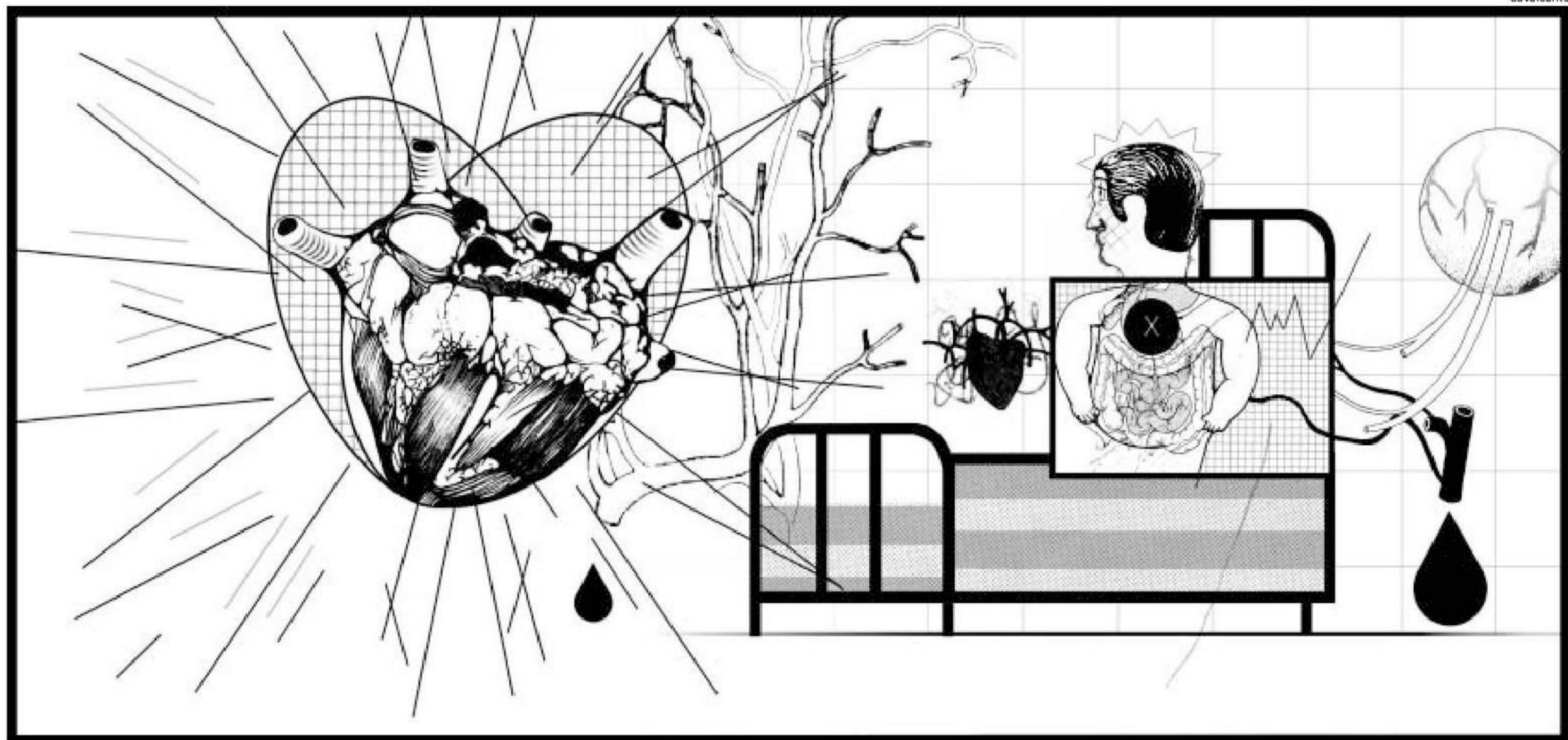
Uma verdadeira tsunami que surge no cenário médico. E que ameaça reverter todo o progresso que obtivemos nas últimas décadas no controle da doença coronária, reacen-

dendo a contida chama da moléstia que parecia estar se extinguindo. E o mais surpreendente disto tudo é que o combustível que alimenta e re-expande este fogo vem não só de dentro do próprio ser humano mas também daquilo que ele come. Num dramático processo pandêmico de autofagia resultante não da fome ou da pobreza mas sim da ingestão imprópria de alimentos, em quantidade e também em qualidade. E sob os olhares plácidos de quem deveria intervir em favor da melhoria da saúde de todos nós.

Já não está na hora de sairmos atrás das causas e impedir o grande desastre?

ROBERTO BASSAN é médico.

N. da R.: Verissimo e João Ubaldo Ribeiro escrevem no Caderno Copa 2006.



Cavalcante

Só falta um Hitler, ou nem isso...

SILVIO LEFÈVRE

Estão violando e censurando a nossa correspondência no Brasil, sabia? Não, agora a culpa não é do correio, pois não mandamos mais cartas, só e-mails... Talvez você não tenha se tocado, mas a maioria dos provedores, a pretexto de combater o que chamam de "spam", censura todos os e-mails. *Nerds* travestidos em censores inventaram programinhas para bloquear e-mails, que assim nem chegam a você. Se o e-mail tiver a palavra "newsletter", ou "você", ou um ponto de exclamação, na linha do assunto, é pichado de spam e jogado no inferno. Se tiver uma opção para remover o seu nome da lista, é também considerado spam, e rifado. Na melhor das hipóteses, se a mensagem conseguir passar pelo primeiro filtro inquisitório, mas ainda parecer

suspeita, poderá até ser entregue, porém precedida da infame palavra "Spam". Como a estrela de David que obrigavam os judeus a vestir para identificá-los, no começo...

Se você quiser usar o e-mail profissionalmente, divulgar o seu trabalho para listas de amigos ou possíveis clientes, está perdido. Na primeira tentativa arisca ser pichado de "spammer" e simplesmente cancelarem o seu endereço de e-mail. Se tiver site ou blog, eles o tiram do ar, sem mais. O e-mail marketing, para esses provedores, não existe. É tudo spam... Só eles mesmos podem mandar e-mails de propaganda. Que ninguém mais ouse, senão queima na fogueira da in-

quisição. E se você fizer parte de grupos de discussão e mandar mensagens para os participantes? É spammer também, pau em você!

Em nome do que empresas privadas se julgam no direito de censurar a sua correspondência, decidir o que é bom ou não para você? Fique tranquilo, é para a proteção à sua privacidade, dizem elas. Elas não querem que você seja invadido na santa paz do seu computador, por mensagens de propaganda. Entendeu? Para proteger a sua privacidade, elas primeiro a invadem, violando a sua correspondência! Na verdade querem apenas reduzir o tráfego e, com isso, os custos... O blablá de spam é puro pretexto. Pior é

a mentalidade inquisitória que propagam. Os internautas são estimulados a denunciar spammers em endereços tipo abuse@algo, como fazia a Gestapo ao cooptar cidadãos para colaborar com a repressão nazista. E um monte de bobocões frustrados fica brincando de polícia, ameaçando empresas e pessoas, fazendo denúncias quando recebem algo que consideram propaganda não solicitada.

Cuidado. Se fosse preciso pedir autorização do consumidor para fazer propaganda, em qualquer mídia, nem os jornais nem a TV teriam anúncios e portanto não existiriam. O e-mail é um meio de comunicação como qualquer outro, com a diferença que, utilizado seriamente, permite atingir um público totalmente direcionado, na mais eficaz forma de marketing jamais sonhada. Não há por que considerar que ele não seja uma mídia lícita. Quem não quiser ler um e-mail,

que o delete ou crie seus filtros, da mesma forma que desvia os olhos quando um anúncio de jornal não interessa ou quando zapeia na TV. Se o e-mail marketing continuar criminalizado, amanhã criminalizarão também os jornais, porque alguma matéria não agradou ao poder. Sim, pois já não proibiram o celular em alguns lugares porque os bandidos usam? Já não pretendem proibir os outdoors em São Paulo porque alguns são ilegais? O fascismo começa assim, desta combinação explosiva entre a mobilização "higienizadora" de uma classe média raivosa, transformada em indicadora, e governos que não prezam a liberdade. Só falta um líder carismático, de bigodinho... ou quem sabe até já tenhamos uma versão mais cabocla, de barba...

SILVIO LEFÈVRE é sociólogo. www.derrapadas.com.br.

Sobre ética e corrupção

JORGE MARANHÃO

Recebo de um colaborador a pesquisa do Ibope sobre ética e corrupção realizada no início deste ano em 143 municípios do Brasil. Com o título de "Corrupção na política: eleitor vítima ou cúmplice", o estudo revela controvérsias na opinião do eleitor brasileiro sobre o tema e propõe a reflexão sobre até que ponto os problemas éticos enfrentados pela sociedade brasileira estão de fato concentrados em suas elites ou se trata de uma conduta social presente em todas as camadas de nossa sociedade. Os resultados são expressivos e confirmam as duas principais hipóteses propostas pelo estudo: 69% dos eleitores brasileiros já transgrediram alguma lei ou descumpriram alguma regra contratual, para obter benefícios materiais, de forma intencional, e 75% acreditam que cometeriam pelo menos um dos 13 atos de corrupção avaliados pelo estudo, caso tivessem a oportunidade.

Diante do calendário político eleitoral que se avizinha, sugiro um exame mais atento de pelo menos três aspectos dessas conclusões que considero precipitadas e distorcidas. Primeiro: estão efetivamente diluídos em toda a sociedade os nossos recentes problemas éticos? Segundo: se a corrupção fica evidenciada sobretudo no cenário político, não caberia aos nossos homens públicos uma maior responsabilidade ética diante de assunto eminentemente público? Terceiro: um desvio da conduta ética na esfera privada tem o mesmo efeito social se cometido na esfera pública?

Tais questões evidenciam que, na verdade, não apenas a sociedade, mas nossas elites sociais é que confundem as distintas naturezas das esferas pública e privada. E esta tem sido exatamente a questão central de nossa miséria política, o grande entrave para o desenvolvimento econômico e social do país, uma vez que decorrente do bloqueio mental de nossas elites. Conforme sua etimologia, elite não se trata

apenas dos materialmente mais abastados de uma sociedade, mas sobretudo dos intelectualmente mais capazes, politicamente mais responsáveis e socialmente mais representativos em termos de liderança. E é sobretudo a omissão ou incultura políticas de nossas elites que resulta em todas as demais misérias sociais. Se já ando farto de ditados simplesmente preconceituosos sobre nosso povo e cultura, não admito mais a velha desculpa esfarzada de que "o povo tem o governo que merece", que "o brasileiro é acomodado", que "macaco que tem rabo de palha não toca fogo no rabo do outro", ou "quem tem telhado de vidro não dá pedrada no telhado vizinho". Decididamente não foi com estas jóias do pensamento retrógrado que se construíram as grandes sociedades democráticas, abertas e desenvolvidas da cultura ocidental!

Os espaços da opinião pública foram conquistados para a difusão de uma cultura de cidadania e não apenas para a espetacularização dos delitos. Para cada delito publicado, buscou-se a pena correspondente,

São as elites sociais que confundem as esferas pública e privada

resultando na fé pública de que no fim a justiça deve prevalecer. E se a mídia é produzida sobretudo pelas elites, há que haver muito maior compromisso de exemplaridade de conduta por parte das mesmas. No que tange ao noticiário político propriamente dito, então, nem se fala. Não podemos usar do mesmo diapasão ético para

editar fenômenos de natureza tão distintos como os fenômenos políticos e os da vida cotidiana. Se as ordens civil e política são a essência da construção da cidadania, isso não quer dizer que sejam farinha do mesmo saco! O delito da vida civil priva-

da não tem o mesmo efeito social do mesmo delito cometido na esfera pública. Fraudar um seguro-saúde privado não pode ser comparável a fraudar a previdência pública. O desvio de conduta de um agente da lei ou de uma autoridade pública é muito mais perverso para a sociedade do que o mesmo desvio na esfera privada, tão simplesmente porque atinge muito mais gente, e de maneira muito mais difusa e letal, exatamente porque muito mais indefesos somos enquanto ente público.

Não! Definitivamente somos muito mais vítimas do que cúmplices da corrupção política! E confundir as distintas naturezas do público e do privado, trocar alhos por bugalhos e diluir a responsabilidade política das elites dirigentes, socializando o prejuízo ético por toda a sociedade, é repetir uma antiga e nefasta tradição de péssimos costumes políticos e de lesa-cidadania!

JORGE MARANHÃO é publicitário. E-mail: jorge@professa.com.br